

# GUERRISTAS E ANTIGUERRISTAS

## AO POVO

### GUERRA Á GUERRA

*Abaixo da 1916*

O povo português, que se extorce famélico, que morre à míngua de pão, acorda de ser impellido a cooperar na mais horrível e sangrenta carnificina que tem empolgado a humanidade.

Os senhores da governação, à ordem do governo britânico, lançaram este misero povo na cadeia universal.

Neste momento, em que está definida claramente a situação e a quebra da neutralidade lusitana é já um facto, é necessário, mais do que nunca, reiterarmos as nossas afirmações anti-guerristas.

**TRABALHADORES:** — Homens ou mulheres, não deixeis de urgentemente escutar o vosso protesto enérgico.

Proletários, não dispis a blusa nobilitante do trabalho para envergardes a farda maculante de assassinos. Não marcheis para a guerra, não respondais à ordem da mobilisação. A vida, o bem-estar da vossa família assim o ordena.

O desapareço das vossas companheiras, os vossos filhos suplicando pão, ou vossos velhos pais na miséria será o resultado infalível da partida, pois que sois vós o seu amparo único.

**MULHERES:** — Mães, esposas, filhas ou namoradas, oponde-vos como leões à marcha dos vossos entes queridos. Não queirais que vão buscar a morte aos campos da batalha deixando-vos mergulhadas numa miséria atroz e na perpétua dor.

Mulheres, almas cândidas, corações singelos, apelmus para os vossos sentimentos!

Mães! não deixeis arrebatrar vossos filhos do convívio doce do lar, imolados às crueldadíssimas e sanguinolentas guerras para gaudío dos exploradores do povo.

Soldados! à juventude audaz, reflecte, pondera, e vem confraternisar com a multidão de famintos a que pertenceis, que é a tua família subjugada.

O gente moça, ó produtores honrados! já que vos fizeram depór a ferramenta do labor que enobrecce, para empunhaes a clava sangrenta que macula, vai, vai ferir, mas ferir de morte os teus impudicos inimigos.

Vai ter as armas, aniquilar vidas, mas não olvides que teus inimigos mais fevzes, os teus inimigos únicos, não se encontram além fronteiras, mas que vivem no solo que te foi berço.

Esses, a casta sordida de burgueses anafados,

**Abaixo a guerra!  
Viva a humanidade livre!**

que engostam enquanto estalas de miséria é que devem ser o alvo da tua pontaria certaíra.

Que o povo português — diz-se — para honrar compromissos internacionais, tem de jogar o seu destino, compartilhando da tragédia espantosa que se desenrola ferozmente nos campos ensanguentados da Europa.

Mas que tem o povo, o povo que labuta e morre de miséria, com compromissos que não tomou, com tratados que desconhece, com negociações para que não foi consultado!

Tudo balelas com que se pretende ferir mais fundo o nosso já misérrimo viver. O povo produtor nada tem com alianças políticas e negociações diplomáticas.

A aliança que lhe deve interessar, e para que deve agir, é a aliança imelicta, potente, inquebrantável de toda a família proletária contra a burguesia dominante.

Tu, povo da região portuguesa, que vens sendo flagelado pelas consequências económicas da guerra, não queiras a tua miséria acrescida, com a breve partida de teus filhos.

A carestia da vida, obra dos açambarcadores sem escrúpulos, assume proporções assustadoras e os que osam rebelar-se contra este estado de coisas, saindo à praça pública na exteriorisação de protestos indignados, tem de defrontar-se com as manobras dos defensores da ordem ao serviço da burguesia imperante.

Quando os homens do governo promovem uma escalada afrontosa a toda a liberdade de pensar, fechando arbitrariamente organismos obreiros, estabelecendo a censura prévia e enchendo nas masmorras da república de mil peitos revoltados, é que se pretende arrastar os trabalhadores deste país para o massacre estupendo.

Não, o povo não quer a guerra.

**TRABALHADORES:** — Homens, mulheres ou crianças, ergnei um clamoroso e unânime grito de revolta justificada.

A guerra só tráz luto, miséria, pranto e dor. As casas incendiadas, as mulheres entregues à sede dos estupradores, as crianças estorcendo-se na dor, é o pavoroso espectáculo que nos espreita.

Mas não, a massa proletária descendo dos tugúrios em que apodrece, na demonstração da sua nudez, na exposição dos corpos esqueléticos, há-de saber gritar grandemente, num clamor atroz e impávido:

«CADA UM VÊ E OUVE ATRAVÉS DO SEU TEMPERAMENTO,  
DE DISPOSIÇÃO DE MOMENTO, DA MAIOR OU MENOR PERTURBAÇÃO  
QUE LHE CAUSA O QUE SE ESTÁ PASSANDO»

**Emílio Costa — República de 24/10/50**

Através do meu temperamento, da minha disposição e da minha perturbação, escrevi com sinceridade sobre o que observei durante e após a conflagração de 1914/1918.

Outros que escrevam sobre o mesmo assunto através dos seus temperamentos, amanhã quem fizer a história desses acontecimentos, analisará imparcialmente estes depoimentos, e consultando as publicações da época, escolherá o que lhe parecer mais exacto, mais lógico, mais razoável.

A. L.

### «Guerristas» e «Antiguerristas»

As primeiras notícias sobre a declaração de guerra em 1914 produziram de entrada um certo entusiasmo entre os anarquistas portugueses, por suporem que desse acontecimento poderia advir o começo da revolução social.

Assim, numa reunião realizada em casa de Aurélio Quintanilha<sup>1</sup>, e na qual tomaram parte Neno Vasco<sup>2</sup>, Emílio Costa<sup>3</sup>, Bernardo Sá<sup>4</sup> (o Sá Charuto), Sebastião Eugénio<sup>5</sup>, Manuel de Figueiredo<sup>6</sup>, Carlos Freire, Álvaro Franco Abreu e muitos outros, trocaram-se impressões sobre as possibilidades revolucionárias que o conflito nos proporcionaria, e apreciaram-se os preparativos, em que era necessário ir pensando.

Bernardo Sá dizia, cheio de contentamento, que assistiríamos, certamente, ao período mais interessante da história da humanidade.

No entanto, recordamo-nos que na discussão dum documento a publicar ou sobre a orientação da propaganda a fazer, houve já um certo desentendimento entre Neno Vasco e Emílio Costa, porque este defendia a ideia de se acentuarem os horrores da guerra, enquanto Neno era de opinião que pôr esse aspecto da questão muito em foco, era também criar o receio pela luta revolucionária de carácter violento.

\* \* \*

Houve, também, pouco depois, uma manifestação pública do protesto contra a guerra, de iniciativa de elementos anarquistas e sindicalistas.

A multidão desfilou pelas ruas da Baixa a caminho do Terreiro do Paço, onde foi dispersa à chanfalhada pela Guarda Republicana.

Estava no poder o partido democrático, presidido por Bernardino Machado<sup>7</sup>.

No percurso, Bernardo Sá deu de cara com uns militares, para quem se voltou soltando frases subversivas.

\* \* \*

A organização operária igualmente fez ouvir a sua voz, por meio dum manifesto. Era Jerónimo de Sousa<sup>8</sup>, um dos seus militantes em destaque, mas alguns anarquistas acharam esse documento deficiente.

Mas este estado de espírito em breve se foi modificando, — à medida que se ia tornando conhecida entre nós a atitude assumida por Pedro Kropotkine, Jean Grave, Carlos Malato, etc.

Então, também se deu em Portugal a divisão entre anarquistas «guerristas» e anti-guerristas.

No primeiro grupo colocaram-se Emílio Costa, (que, como já dissemos, até assinou o lamentável «Manifesto dos Dezasseis») <sup>9</sup>, Severino de Carvalho <sup>10</sup>, Bernardo Sá, A. Machado <sup>11</sup>, Mário Costa, Miguel Córdoba <sup>12</sup>, Araújo Pereira, etc.; no segundo Grupo colocaram-se: Neno Vasco, António José de Ávila <sup>13</sup>, Aurélio Quintanilha, Hilário <sup>14</sup>, os Jovens Sindicalistas, de Lisboa, e os camaradas do Porto, que publicavam o jornal semanário «Aurora».

Citamos os que tomaram uma posição mais em evidência, contudo, também nos vamos referir à atitude doutros elementos anarquistas de Lisboa.

Sobral <sup>15</sup> mostrou-se nos primeiros tempos hesitante, e depois nunca o vimos tomar uma posição definida a este respeito.

Campos Lima <sup>16</sup> não se manifestou nesta emergência, — pelo menos nada dele conhecemos escrito nas publicações anarquistas desse tempo.

Pinto Quartim <sup>17</sup> encontrava-se no Brasil, para onde fora expulso em 1913, pelas autoridades democráticas.

Mas, quando voltou, não enfileirou ao lado dos «guerristas».

Os irmãos António <sup>18</sup> e Afonso Manaças <sup>19</sup> também não se puseram ao lado dos guerristas.

Manuel Ribeiro <sup>20</sup> pôs-se logo com entusiasmo ao lado dos aliados, mas afastado dos dois grupos, porque nesse tempo havia já uma certa reserva a seu respeito em todas as correntes libertárias, por causa de um artigo em que afirmara, que já havia na Itália deputados sindicalistas!

José Carlos de Sousa, <sup>21</sup> embora sempre firme nas suas convicções e colaborando na nossa imprensa, conservava-se nessa época um tanto isolado, e por isso creio que se manteve à margem desta polémica.

Estivera um certo período desligado de convivência com camaradas, por ter ficado muito aborrecido com a atitude pouco simpática de Severino de Carvalho numa reunião, para que tinha sido convidado.

\* \* \*

Também Aurélio Quintanilha contou que, numa reunião a que assistira convocada por anarquistas «guerristas», o que mais o tinha impressionado, embora tivesse sido por todos com certo escárnio tratado, tinha sido a pose de Severino de Carvalho.

Quintanilha teria pouco mais de 20 anos; o outro parecera-lhe uma espécie de cate-drático a largar sentenças — mas daqueles catedráticos que se consideram infalíveis e acham por isso ser atrevimento da parte dos alunos pretenderem discutir as opiniões deles!

## O jornal «GERMINAL»

Como a «Aurora» do Porto, e a «Sementeira», de Lisboa, publicada por Hilário Marques, mantivessem irredutivelmente a sua posição internacionalista, — e nas quais, sobretudo, Neno Vasco defendia com a sua costumada clareza os seus coerentes pontos de

vista —, os «guerristas» resolveram fazer aparecer em Lisboa um órgão próprio, intitulado «Germinal», de que foi director Emílio Costa.<sup>22</sup>

Do n.º 14 desse mensário, de 1917, fazemos abaixo uma transcrição, que nos pateteia bem o espírito «prático» que animava os seus colaboradores, cheios de superior desdém pela retórica dos ortodoxos.

Assim escreviam eles: «PALAVRAS... PALAVRAS... A «Aurora», de 11-2-1917, insere um manifesto publicado em França, não sabemos quando, e assinado por 22 nomes de anarquistas ortodoxos, no qual se pretende estabelecer como se deve impor a paz pelos povos, palavras estas que são o título do manifesto e que indicam o seu objectivo.

Quase todo o manifesto é consagrado a estabelecer as responsabilidades de todos ou quase todos os beligerantes, com os argumentos já de há muito conhecidos. Sobre o assunto capital do manifesto, limitam-se os signatários a proclamar a necessidade de um congresso mundial operário, a fim de «exigir a cessação das hostilidades e o desarmamento imediato e definitivo das nações», além de outras resoluções para garantir a paz futura. E termina com o costumado apelo a todos os oprimidos para a implantação do reinado da justiça.

Quer-nos parecer que este manifesto tem de existência um ano ou pouco menos, pois que além de nos lembrarmos vagamente de o termos lido, refere-se ele à conferência de Zimmerwald,<sup>23</sup> como uma coisa de grande alcance, e não fala da de Quiental,<sup>24</sup> que nos veio mostrar, como tudo o mais que se tem passado, a ilusão em que vivem os revolucionários ortodoxos, esperando a salvação do mundo, da revolução realizada por aqueles que nada puderam fazer em melhores condições que presentemente.

É a metafísica de sempre, a fé nos golpes de mão, a crença na deusa Revolução, no milagre insurreccional, na capacidade organizadora adquirida como por encanto, no poder mágico das palavras, em tudo enfim, que foi em grande parte, a causa da impotência, da inacção, da falência revolucionária para impedir a guerra.

Não há meio dos acontecimentos, da dolorosa experiência ensinar alguma coisa aos ortodoxos.

Pergunta-se-lhes como se consegue a paz que desejam e respondem sempre com palavras, com as palavras de indignação contra os opressores ou de apelo aos oprimidos e mais nada.

É assim que responde, no «Réveil», de Genebra, (27-1-917) um revolucionário à pergunta feita pela Libre Fédération, de Lausana. Gasta quase todo o artigo com a questão das responsabilidades de todos e respectivas ambições e trata do assunto, «a paz que nós queremos» — em dez linhas, dizendo que a paz imediata não importa como, será proveitosa para a humanidade, que devemos retomar a luta pela libertação e gritar mais que nunca: abaixo a guerra e venha a revolução!

E não há maneira de nos dizerem outra coisa; A paz pelos povos, a cessação imediata das hostilidades, os congressos mundiais, a revolução, etc., tudo isso é belo e generoso. Mas como se consegue ou, pelo menos, como se caminha para lá? Como se faz tudo isso?

Vêm os efeitos nulos ou quase de Zimmerwald, de Quiental, de Ferrol,<sup>25</sup> e de tantas outras tentativas, e não querem ver que deve existir uma causa ou mais para que isso aconteça; que o que há a fazer é estudar essas causas e procurar o remédio, que não consiste, que não pode consistir na repetição das estafadas indignações e apelos, dos quais os opressores se riem por saberem que tudo isso é estéril agitação de palavras, em nada mudando a situação dos oprimidos.

Pois continue-se assim e ver-se-á onde vamos todos parar!»



\* \* \*

No «Germinal», também colaborou assiduamente Adolfo Lima,<sup>26</sup> mas estamos certos, que absorvido especialmente pelas questões pedagógicas, não teve conhecimento exacto da natureza do conflito ideológico, que originara o aparecimento daquela publicação.

\* \* \*

As divergências entre as duas correntes chegaram depois a tal ponto, que entre os «guerristas» houve quem insinuasse que a atitude assumida por Neno Vasco não era motivada por firmeza de princípios, mas pelos «dez réizinhos», que lhe vinham da «Aurora»!!!

O insulto não poderia ser mais afrontoso, visto que este camarada pela sua dedicação ao ideal anarquista renunciara a todos os benefícios de que poderia ter usufruído, quer utilizando-se da fortuna e influência de seu pai, quer aproveitando-se da sua formação em Direito ou dos seus conhecimentos e dotes literários, que lhe teriam permitido a sua entrada para o foro ou para o jornalismo.

Como consequência destas renúncias, é certo que teve períodos na sua vida de grandes dificuldades, contudo, a colaboração que sempre deu à imprensa anarquista não foi feita com intuítos mercantis, mas somente por convicções.

Bastante magoado com estes ataques ignóbeis, Neno Vasco, quando encontrou na primeira ocasião Emílio Costa, perguntou se estava a discutir com camaradas ou com fadistas que o anavalhavam à traição na sua dignidade.

Este retorquiou que se tratava de uma questão de temperamento individual, provavelmente, querendo atribuir tais despropósitos, simplesmente, a uma exaltação passional.

Apesar dessa conversa, os ataques desleais continuaram, e em consequência disso Neno Vasco perdeu toda a consideração por Emílio Costa, a tal ponto que, durante a sua enfermidade, quando lhe caía sob o olhar qualquer artigo deste, todo ele se contorcia de irritação.

Vê-se, pois, que muitas vezes recebemos maiores afrontas de certos «camaradas» que dos próprios adversários.

## Algumas considerações

Procedimentos, como o dos nossos guerristas, — e que também já temos observado em outros casos —, têm-nos feito meditar sobre o móbil das acções de certos revolucionários.

Se se admitir que estes vão para a luta social impelidos, simplesmente, pela ambição, pelo exibicionismo ou esperança de breve triunfo, ter-se-á de verificar que havia então nisto incoerência ou, melhor, incompreensão da sua parte, pois que, se em vez de discordarem, se pusessem ao lado dos regimes em vigor, mais facilmente poderiam satisfazer essas baixas paixões.

Mas, se, apesar das dificuldades e dos incómodos com que têm de se defrontar, eles preferem colocar-se no campo da oposição, era lógico concluir-se que, se assim se conduziam, é porque sempre existia neles um certo interesse em modificar para melhor o que na realidade existe.

Aqui, porém, também surge uma outra incongruência.

Se, na verdade, desejassem sinceramente melhorar o presente, deveriam consequentemente estar animados, não dizemos já de simpatia, mas de um certo respeito

por todos os que tivessem idênticos desígnios, embora marchando em certos casos por caminhos diferentes.

Todavia, é esta atitude que frequentemente não se observa, o que nos leva à conclusão de que certos procedimentos são inexplicáveis; que as incoerências de certos indivíduos, são como a estupidez, a inconsciência e malvadez, ilimitadas e por vezes também incompreensíveis.

O que seria, pois, óptimo é que todos os indivíduos deste calibre permanecessem sempre entre os elementos retrógrados, visto que assim não provocariam divisões e perturbações nos movimentos progressivos, obrigando-os a perder um tempo precioso, que tão útil seria se fosse só empregado no combate às forças da reacção!

## **Neno Vasco mantém-se firmemente no seu posto**

Pouco depois de rebentar a guerra, Quintanilha por motivos particulares, partiu para o Porto, e em seguida para Viana do Castelo, onde foi preso numa sessão pública por Bourbon e Meneses.<sup>27</sup>

Este conhecido escritor e jornalista tinha renegado as ideias anarquistas da sua adolescência, e dizia-se que Bernardino Machado, para o pôr à prova, o investira num cargo autoritário, (administrador do concelho ou comissário de polícia), naquela cidade.

Essa prova deu-lhe ele com a prisão de Aurélio Quintanilha, antigo camarada de ideias, — e certamente, serviu-lhe para os fins que tinha em vista.

A detenção não durou, porém, muito tempo, — mas, parece-me que foi por duas vezes —, e Quintanilha regressou a Lisboa, de onde novamente partiu, quando Portugal interveio na guerra.

Foi outra vez para o Norte, passando em seguida para a Galiza, e em breve familiarizado com a língua espanhola, recomeçou ali a propaganda anarquista.

Tomou parte na Conferência realizada em Ferrol contra a guerra, a que Max Nettlau<sup>28</sup> se refere num dos seus trabalhos.

Contudo, mesmo antes de terminar a guerra voltou a Portugal, mas já não retomou a actividade anterior.

Por causa destas viagens, deixara de fazer os exames na Escola Médica, e por ver que este curso se tornaria muito demorado, decidiu ir frequentar a Faculdade de Ciências, onde acabaria os estudos mais depressa.

Depois de lá estar, foi convidado para Assistente da cadeira de Botânica, e daí por diante o magistério e a investigação científica absorveram-no inteiramente.

De forma que a defesa na imprensa do pensamento anarquista contra as deformações «guerristas» ficou confiada quase unicamente a Neno Vasco, a quem Bernardo Sá, em conversa com António José de Ávila, chamou o «veneno» desta questão.

O Ávila, porém, retorquiu-lhe, que talvez fosse ele próprio mais merecedor dessa designação, visto que antes de aparecer qualquer artigo do Neno sobre este assunto, já ele, Ávila, junto de todos com quem falara, tinha condenado a propaganda «guerrista».

## **A revolução russa**

Neno Vasco, desde o princípio da revolução russa, e enquanto ela não foi desvirtuada pelo partido bolchevista, fez sempre a exaltação desse grandioso acontecimento nas colunas da «Aurora» e da «Sementeira» onde também publicou todos os documentos de confiança, que se lhe referiam.

Como era de esperar, os nossos «guerristas» eram nessa altura seus inimigos irredutíveis, e Bernardo Sá afirmava com energia, que era «menxevista», isto é, que estava de acordo com a facção direitista do socialismo russo, que queria continuar com a guerra ao lado dos «aliados».

### **Terminado o conflito os «guerristas» na sua quase totalidade abandonam o anarquismo**

Pedro Kropotkine,<sup>29</sup> Jean Grave<sup>30</sup> e Carlos Malato,<sup>31</sup> terminada a guerra, continuaram a defender ideias anarquistas.

Com a quase totalidade dos nossos «guerristas» nada disto sucedeu.

Parece-nos que foi Miguel Córdoba o único que desse grupo se manteve no campo libertário, declarando que se no seu próprio lar nunca exercera qualquer acto ditatorial, como poderia aceitar um regime de ditadura mesmo «proletária» no domínio social?

Era um grande idealista e um sentimental, cujo coração falava mais alto do que a razão, e por isso se deixara suggestionar pela propaganda contra a agressão e as atrocidades alemães, esquecendo-se que estas com mais ou menos ferocidade são inerentes a todos os regimes autoritários.

Tinha, no entanto, tal preocupação em proceder de harmonia com os seus princípios, que havia abandonado um cargo que desempenhava no município de Córdoba e aprendera, já homem feito, o ofício de sapateiro, com o qual se manteve, enquanto viveu.

Contou-me que um dia encontrara a sua filha — (a única que tinha, e de quem sonhara fazer uma militante anarquista, mas que de modo algum correspondeu a esse desejo), — lendo um romance qualquer e ao mesmo tempo soluçando. Interrogou-a sobre a causa do seu pranto e soube que se tratava da história de uma menina que com desgostos matara o seu pai, e ela chorava ao pensar que lhe poderia suceder o mesmo.

Nessa data já tinha ela falecido, mas acrescentou ele, que essas palavras o tinham sensibilizado tanto e proporcionado tal alegria que, apesar do desgosto da sua perda — (desgosto que também lhe abreviou a morte) bendizia sempre a hora em que ela tinha nascido.

Este caso demonstra a intensidade da sua vida afectiva.

\* \* \*

Mas os outros abandonaram o «romantismo» anarquista, e passaram a defender ideias mais práticas.

Bernardo Sá, que de «menxevista» passara a «bolchevista», passado tempo, com os arsenalistas Júlio Luís<sup>32</sup>, Júlio de Matos<sup>33</sup> e outros, iniciou a publicação do jornal «Internacional», para a defesa dos princípios da Internacional Vermelha, ou seja da política do partido comunista russo.

Este jornal fez uma campanha pertinaz contra a orientação libertária da C. G. T., contribuindo bastante para desentendimentos e conseqüente enfraquecimento da organização dos trabalhadores portugueses.

Acabaram por ser escorraçados do movimento comunista sob a acusação de «sociais traidores» pela coorte de José de Sousa,<sup>34</sup> e isto, julgamos nós, porque da sua longa permanência nos meios libertários ficara-lhes uma certa dignidade, que não cabia dentro dos estreitos moldes de um partido totalitário.<sup>35</sup>

Por sua vez a corrente de José de Sousa teve igual sorte.

Emílio Costa, embora tivesse colaborado na «Internacional», não deu a sua adesão à doutrina que a inspirava.

Contudo, lemos nessa época um artigo da sua autoria, que para nós significava a defesa pura e simples da ditadura.

Assim, contava ele que passando um dia pelo Chiado viu ali grande alvoroço, por causa de um móvel, que debalde se queria fazer entrar para determinado edifício.

Surgiu, porém, um transeunte, que se pôs a dar várias indicações, graças às quais o móvel foi levado facilmente para onde se desejava.

No final, perguntava ele então, o que teria acontecido, se não fosse a intervenção ditatorial deste homem?

Ora, a ditadura é o sistema que permite a um indivíduo apoiado na força armada impor a toda a gente a sua opinião sensata ou insensatíssima, e a exercer violências sobre os que lhe desobedeçam.

O transeunte em questão não se apresentou, porém, acompanhado de qualquer corpo policial, e limitou-se a expor a sua opinião, que os interessados aceitaram por a considerar sensata, mas que poderiam ter repudiado, se assim o entendessem, visto que por esse motivo não seriam castigados.<sup>36</sup>

A diferença entre os dois casos é pois claríssima, sobretudo, para quem tenha estudado as ideias anarquistas, todavia, agora já nenhuma destas paradoxais atitudes nos deve causar qualquer surpresa, desde que Federica Montseny<sup>37</sup>, — filha de Federico Urales<sup>38</sup> e de Soledad Gustavo,<sup>39</sup> dois militantes que toda a vida fizeram larga propaganda libertária, e que a primeira palavra que ensinaram à filha a pronunciar foi «ANARQUIA», — não teve escrúpulos em aceitar, como representante desse ideal, o degradante posto de ministra no governo espanhol durante a revolução de 1936/1939, acamradando ali com elementos de diversos matizes, e até com componentes do ditatorial e totalitaríssimo partido comunista!

É certo que ela se retratou depois, mas as organizações revolucionárias é que não podem estar à mercê dos desvairamentos e dos arrependimentos tardios daqueles em quem confiou, colocando-se em lugares de extrema responsabilidade.

**Mais elementos desapareceram do campo libertário, em virtude da confusão causada pela guerra, e pelo desvirtuamento da revolução russa.**

## **Alexandre Sobral de Campos**

Deu o primeiro passo para o campo autoritário, aceitando, — embora sem declarar que renegava o passado, um lugar no Ministério do Trabalho, constituído após a morte de Sidónio Pais e esmagamento da intentona monárquica, para o qual foi convidado pelo titular dessa pasta, o socialista Augusto Dias da Silva, vulgarmente conhecido pelo «camarada Augusto»<sup>40</sup>.

Alguns anos depois deu publicamente a sua adesão ao comunismo russo, tendo feito uma exposição sobre essa «doutrina» na série de conferências sobre doutrinas sociais, realizada na Universidade Popular Portuguesa<sup>41</sup>.

Continuou, no entanto, como advogado do Conselho Jurídico da C.G.T.

Após o 28 de Maio de 1926, demitiu-se do cargo de director do Asilo dos Velhos de S. António dos Capuchos, que ocupara durante alguns anos, e partiu para Lourenço Marques.



Ali, passado algum tempo, desligou-se do partido comunista, e filiou-se numa organização, que diziam ter carácter patriótico.

Durante a guerra de 1939/44, lemos algures um artigo de sua autoria defendendo a paz e a democracia.

### **Manuel Ribeiro**

Foi um dos defensores da primeira hora do bolchevismo em Portugal, propagando-o com ardor nas páginas da «Bandeira Vermelha».

Depois, converteu-se ao catolicismo, escrevendo vários romances de apologia religiosa, e assim se manteve até ao fim da vida.

Uma nota simpática: nunca denegriu —, como é costume, entre os renegados —, os seus camaradas de outros tempos, conservando com alguns deles boas relações.

### **Afonso Manaças**

Por altura de 1935, pouco tempo depois de ter terminado o seu curso de medicina aderiu ao partido socialista, com declarações nos jornais, para justificar a sua conversão, mas que na realidade só teria sido motivada pelo desejo de abrir mais facilmente caminho na vida.

Passados alguns anos, disse jocosamente a um ex-camarada, que deixara de ser tudo que terminasse em «ista», excepto «barriguista».

Como a Igreja é que imperava, contava-se que a costumava frequentar, certamente, para daí tirar algum proveito para a barriga.

Foi casado com a professora de Instrução primária Lucinda Tavares, que igualmente colaborou no movimento anarquista, e que com ele viveu bastantes anos, havendo uns poucos de filhos desse casamento.

Acabaram, porém, por se separar, mas ignoramos se teria sido por divergências de ideias, pois que essa união perdurou durante muito tempo apesar das cabriolas políticas dele.

### **António Manaças**

Este excelente camarada desapareceu prematuramente do nosso movimento levado pela morte, e não por ter seguido os maus exemplos do irmão Afonso.

Faleceu de uma febre em 1919, após o seu regresso de Coimbra, onde fora assistir ao Congresso que criou a C. G. T.

Professor de Instrução primária, desfrutava na sua classe de imenso prestígio, pelas grandes regalias que para ela conquistara, graças à sua persistente actividade.

### **Araújo Pereira**<sup>42</sup>

Não sabemos se Araújo Pereira, grande mestre da arte dramática, deu a sua adesão ao partido comunista, mas o que passou foi a manifestar a sua simpatia pelo bolchevismo russo.

## A revolução sidonista

Alguns elementos que nela colaboraram foi por oposição à intervenção de Portugal na guerra, por iniciativa do partido democrático.

Com o advento e queda do sidonismo, entraram para as repartições do Estado diversas «fornadas» de novos funcionários.

Entre estes também foram bastante elementos libertários, como Sebastião Eugénio, Carlos Rates<sup>43</sup>, António Evaristo, Grácio Ramos, Mário Costa<sup>44</sup>. Caetano de Sousa<sup>45</sup>, Manuel de Abreu, José Benedy<sup>46</sup>, Alfredo Cruz, Jaime de Castro<sup>47</sup>, Pinto de Santos, Alvaro Franco de Abreu, etc.

Alguns fizeram-no com o pretexto de ir colaborar na repressão contra os açambarcadores, como fiscais do Ministério dos Abastecimentos, e de um modo geral todos abandonaram o campo anarquista.

Houve quem fosse até à adesão ao Estado Novo, como Carlos Rates, — isto depois de ter visitado a Rússia e ter sido chefe ou coisa semelhante do partido comunista português.

O farmacêutico Jaime de Castro, que fora editor do jornal anarquista «Terra Livre», também deu a sua adesão ao fascismo.

Foi administrador do concelho de Aviz, em 1927 ou 1928 —, donde supomos era natural, e onde fizera anteriormente propaganda libertária.

Entre as vítimas das suas perseguições nessa época, veio para Lisboa preso o camarada J. D. Póvoas, rural de Benavila, que aqui nos interrogatórios, com certa surpresa dos inquiridores, declarou que abraçara as ideias anarquistas por influência de Jaime de Castro, que depois por esse delito o mandara encarcerar!

\* \* \*

O jovem sindicalista e jovem libertário Abreu «Carvoeiro», assim conhecido por ter sido empregado numa carvoaria, apareceu também como fiscal da Câmara de Lisboa, gabando-se, embora ninguém de bom senso o pudesse acreditar, que «conquistara» esse lugar ameaçando com uma bomba na mão altos funcionários municipais!

Aderiu depois ao partido socialista e fez serviço como repórter na grande imprensa, onde se aproveitou sempre de todas as oportunidades para vomitar insultos e calúnias sobre os seus ex-camaradas.

Vimo-lo uma tarde na Feira da Ladra a seguir e ameaçar com apreensões da mercadorias umas pobres vendedeiras que fugiam a pagar a espórtula exigida pela Câmara.

## Sobre as condições da paz

Como sucedeu com a guerra de 1939/44, também em 1914/18, certos elementos operários pensaram que, quando o conflito terminasse, seriam chamados a participar na construção de um «mundo novo».

Assim, para a Conferência Operária, promovida pela União Operária Nacional, em 1917, foram elaboradas três teses para serem discutidas:

- 1.ª — Sobre organização operária;
- 2.ª — Sobre a carestia da vida;
- 3.ª — Sobre a atitude do proletariado perante o tratado de paz<sup>49</sup>.

Esta última tinha as seguintes conclusões:

- A — Nenhum povo deve ou pode ser coagido a suportar o domínio de outro povo sob que pretexto for;
- B — Aos povos deve ser permitida, sem sofismas, a plena determinação acerca das suas ligações ou associações com outros povos.
- C — Os Estados devem renunciar a quaisquer anexações territoriais e ao regime de nação armada.
- D — Os Estados unitários devem transformar-se em federações de povos que, sem coacção, a elas adiram.
- E — A base das federações deve ser a comuna ou município (conselho) autónomo.
- F — Todos os territórios de estratégia e de hegemonia económicas que podem servir de motivo a futuras lutas, devem ser declarados neutrais, criando-se neles zonas internacionais à semelhança do Canal de Suez.

1 Aurélio Pereira da Silva Quintanilha (1892) — Botânico, professor universitário. Anarquista particularmente activo a partir de 1915. Expulso do ensino em 1935 acaba por se retirar para Moçambique. Vive actualmente (Maio de 1985) em Lisboa.

2 Gregório Nazlanzeno Moreira Queirós Vasconcelos (Neno Vasco) (1878-1920) — Figura prestigiada do anarquismo português. Licenciado em Direito. Colaborou em diversos periódicos: *O Mundo*, *Aurora*, *Terra Livre*, *Lanterna*, *Amigo do Povo*. Traduziu Malatesta — *Entre Camponeses*, com várias edições — e escreveu *Da Porta da Europa* (1913) *Geórgicas e A Concepção Anarquista do Socialismo* (1920).

3 Emílio Martins Costa (1877-1952) — Professor, pedagogo e publicista, foi discípulo de Eliceú Reclus em Bruxelas. Traduziu para português as primeiras brochuras sindicalistas-revolucionárias. Publicou centenas de artigos na imprensa periódica com destaque para *O Amigo do Povo* (Portalegre), *A Obra* (Lisboa), *Germinal* (Setúbal), *O Intransigente* (Portalegre), *A Batalha* (Lisboa), *Seara Nova* (Lisboa) e *República* (Lisboa). Da numerosa produção teórica e de reflexões destacamos *É Precisa a República?* (1903), *Acção Directa e Acção Legal* (1911) e *Sindicalismo Independente* (1931).

4 António Bernardo de Sá (1871?-1943) — Condutor de obras públicas. Colaborou em *O Sindicalista* e foi co-fundador do Grupo de Estudos Sociais Germinal.

5 Sebastião Eugénio (1877-1926) — Operário corticeiro, carbonário e sindicalista activo, fundador da Federação Corticeira e responsável pelo seu órgão, *O Corticeiro*. Percorreu o país de norte a sul em missões de propaganda, participando ainda nos congressos operários de Tomar, Coimbra e Colvílhã. Em 1915 passou a funcionário público transitando para o respectivo sindicato. Colaborou nos jornais *A Obra*, *A Greve*, *União*, *O Sindicalista* e *O Corticeiro*. Integrou em 1923 a Comissão Reorganizadora do P.C.P.

6 Ignoramos se se trata do futuro responsável administrativo de *A Batalha*, Manuel Frois de Figueiredo.

7 Bernardino Machado chefiou dois executivos em 1914. O primeiro, de 9 de Fevereiro a 23 de Junho e o segundo desde esta data até 12 de Dezembro. O episódio referido ocorreu, pois, durante o segundo período.

8 Elemento da velha guarda sindicalista-revolucionária, desempenhou cargos directivos na Comissão Executiva do Congresso Sindicalista e na União Operária Nacional. Integrou a Comissão Organizadora da Conferência Nacional Operária de 1917.

9 O «Manifesto dos Dezasseis», assim chamado por ser esse o número dos subscritores, foi publicado nas páginas de *La Bataille Syndicaliste*, era datado de 28 de Fevereiro de 1916, e assinado por Pedro Kropotkin, Christien Cornelissen, Henri Fuss, Jean Grève, Jacques Guérin, Hussein Bey, C. A. Laisant, Louvent, Charles Malato, Jules Moineau, Orfila, M. Pierrot, Paul Reclus (filho de Eliséú), Richard, Schikava e Vladimir Tchereksoff.

Constituiu uma resposta à declaração emitida um ano antes, a 15 de Fevereiro de 1915, onde um grupo de anarquistas manifestava a sua frontal condenação da guerra. Entre eles estavam Errico Malatesta, Alexandre Schapiro, Emma Goldman, Alexandre Berkman e Domela Nieuwenhuis, com o apoio de Rudolf Rocker.



10 Severino Augusto de Carvalho (1867-1957) — Publicista e escritor (pseudónimo Bel-Adam), editou, enquanto responsável na Livraria Bertrand, as brochuras traduzidas por Emílio Costa. Dirigiu a revista *Lumen*, de parceria com Joaquim Madureira (Brás Burity) e traduziu Zola. Co-fundador do Grupo de Estudos Sociais Germinal.

11 Augusto Machado (? - 1951) — Pintor, caixeiro, empregado da C.P. e escriturário da Associação dos Inquilinos Lisbonenses. Jornalista operário, colabora em *A Obra*, *Aurora*, *O Trabalhador*, *Humanidade Livre*, *O Sindicalista*, *Germinal*, *O Marítimo*, *A Batalha*, e dirige *Novos Horizontes*. Participa nos Congressos de 1909, 1911 e 1923. Partidário da Internacional Sindical Vermelha e membro do P.C.P., participa no II Congresso (1926) desta organização, sendo eleito para a respectiva Comissão Central. Opõe-se à reorganização empreendida por Bento Gonçalves (1929), dirigindo uma fracção com influência no Arsenal do Exército e na província, com actividade até meados da década de trinta. Dinamizou entre 1930 e 1932 a Biblioteca Cosmopolita que editou obras de Lênine, John Reed e Jean Gueux. Retirado da vida política, dedicou-se integralmente à Associação dos Inquilinos Lisbonenses.

12 Miguel Córdoba (? 1923). Anarquista espanhol, sapateiro de profissão, fixou-se em Lisboa onde mantinha ligações com grupos libertários e republicanos. É detido no seguimento do Regicídio, juntamente com António José de Ávila, Adão Duarte, Constantino Mendes e Augusto Machado, acusado de participar na conjura. Colaborou, em *A Obra*, *Novos Horizontes*, *O Protesto*, *O Sindicalista* e *Germinal*, utilizando por vezes o pseudónimo de Alfredo Krok.

13 António José de Ávila (1853?-1923) — A acção desta figura tutelar do movimento anarquista português desenvolveu-se mais nas organizações libertárias do que nas sindicais. Participou nas conferências anarquistas de Lisboa (1914) e Alenquer (1923), fazendo parte do grupo «O Semeador». Colaborou na imprensa operária, com destaque para *A Greve*, e *A Batalha*.

14 Hilário Marques (1877-1949) — Operário caldeireiro do Arsenal da Marinha. Colaborou em *A Obra*, *A Aurora*, e dirigiu as duas séries de *A Sementeira*. João Freire publicou um extenso estudo sobre aquele dirigente operário: «*A Sementeira*» e o *arsenalista Hilário Marques* in *Análise Social* n.º 67-68-69 de 1981 pp. 767-826.

15 Alexandre Sobral de Campos — Advogado, colaborou com a estrutura sindical na qualidade de jurista. Integrou a Comissão Organizadora do P.C.P. e, uma vez fundado o partido, fez parte da Comissão de Educação e Propaganda (1921). É referenciada a sua presença no II Congresso do P.C.P. (1926). Em Moçambique dirigiu *O Emancipador*.

16 João Evangelista de Campos Lima (1877-1956) — Advogado e militante anarquista desde os tempos da juventude. Fundou o Núcleo de Educação Anarquista, em Coimbra, com Alfredo Pimenta, sendo expulso da Universidade por ocasião do movimento de 1907. Na década de 20 dirigiu as Edições Spartacus, que publicam diversas obras, sempre por conta de cada autor. Destacamos os seus trabalhos mais importantes: *A Questão Social* (1906), *A Questão da Universidade* (1907), *Os Meus Dez Dias em Paris* (1906), *O Movimento Operário em Portugal* (1910), *O Estado e a Evolução do Direito* (1914), *O Reino da Traulitânia* (1919), *A Revolução em Portugal* (1925) e *A Teoria Libertária ou o Anarquismo* (1926).

17 António Tomás Pinto Quartim (1887-1970) — Jornalista e activo militante libertário, foi presença constante na imprensa operária. Dirigiu *O Protesto* e *Terra Livre*. Colaborou em *A Greve*. É expulso do país no seguimento do atentado ao cortejo camoneano (1913) v. João Medina *Um Semanário anarquista durante o primeiro Governo Afonso Costa: «Terra Livre»*, in *Análise Social* n.º 67-68-69 de 1981, pp. 735-765). Regressa a Portugal, após o exílio no Brasil, em 1915. É jornalista profissional em *O Século*. Redige a tese sobre *Carestia da Vida*, presente na Conferência Operária de 1917, colabora em *A Batalha* de 1920 a 26 e chefia a sua redacção de 1919 a 1920. De 1930 a 1936 vive em Angola, dirigindo em Nova Lisboa *O Protesto* e colaborando noutros periódicos angolanos. De 1950 a 1960 chefiou a delegação do *Primeiro de Janeiro* em Lisboa. Escreveu: *Mocidade Vivell*, *Vítimas de Guerra*, *Libertai-vos*, *O Sindicalismo e os Intelectuais*, *Trezentos Contos*, *Mulher*, *A Lenda e o Processo do Estranho Caso da Paulina*. Traduziu Eliséu Reclus (v. Maria Filomena Mónica, *Alguns Elementos Biográficos sobre Pinto Quartim*, in Catálogo da Exposição de Documentos do Espólio de Pinto Quartim, 1981, pp. II-VI).

18 António Manaças (1889-1920) — Professor primário, membro do grupo anarquista «Nova Crença». Foi um dos fundadores do Grémio dos Professores Primários, director de *O Professor Primário* e Secretário-Geral da União dos Professores Primários. Participou como delegado da sua associação no Congresso Operário de 1919.

19 Afonso Manaças — Irmão de António Manaças, afastou-se do anarquismo e adere, em finais da década de trinta, ao Partido Socialista. Era casado com Lucinda Tavares, professora primária e elemento activo do ensino livre.

20 Manuel António Ribelo (1878-1941) — Empregado da C.P., de onde será despedido em 1919 após uma greve, colaborou na imprensa operária, com destaque para *O Sindicalista* e *A Batalha*, militou na organização operária e sindical. Funda em 1919 a Federação Maximalista Portuguesa, de inspiração bolchevista, e o seu órgão de imprensa, *A Bandeira Vermelha*, que dirige. O seu nome figura entre os fundadores do P.C.P., de cujos corpos directivos faz parte até 1921. Converteu-se ao catolicismo, mantendo uma posição de não hostilidade em relação aos antigos companheiros. Para além de livros de poesia de conteúdo social, *Imperiosa Verdade* (1908), *Sentido de Viver* (1909), publicou *Na Linha de Fogo* (1920) e diversos romances iniciados com *A Catedral* (1920). O seu novo ideário é exposto em *Novos Horizontes. Democracia Cristã* s. d. 1930 ?).

21 José Carlos de Sousa (1866?-1935) — Secretário-Geral da Universidade Popular Portuguesa a partir de 1926, foi um dos obreiros daquela prestímosa instituição. Colaborou na imprensa operária, com destaque para: *A Sementeira*, *A Aurora*, *Comuna*, *Terra Livre* e *A Batalha*. Foi professor e director da Escola Oficina n.º 1.

22 Esta passagem contém alguns erros factuais. A 3.ª série de *A Aurora* inicia-se em 1915. *A Sementeira* interrompera a publicação em Fevereiro de 1913 (n.º 52), só recomeçando em Janeiro de 1916 (n.º 1 da 2.ª série, ou 53). Ora *O Germinal* dirigido por Emílio Costa e de periodicidade semanal, sai a 1 de Janeiro de 1915. Não podia ser, pelo menos no caso de *A Sementeira*, uma resposta a um jornal que não existia. *O Germinal* mensal, igualmente sob a direcção de Emílio Costa, data de Fevereiro de 1916. O autor do escrito só considerou este último.

23 A Conferência de Zimmerwald (Setembro de 1915) é convocada por iniciativa do socialista suíço Robert Grimm e reuniu representantes da minoria socialista revolucionária e anti-belicista, num desafio à negativa de Émile Vandervelde, presidente da II Internacional, que tenazmente se opôs à sua realização. Nele compareceram socialistas russos e spartaquistas alemães, pontificando Lenine, Trotzki, Zinoviev, Karl Liebknecht, Radek, Rosa Luxemburgo. O manifesto final assinala o carácter imperialista da guerra e a necessidade de os trabalhadores preservarem a sua unidade e a solidariedade internacional.

24 A Conferência de Kienthal (Suíça) decorreu de 24 de Março a 3 de Abril de 1916, nela participando 40 delegados. Foi a continuação de Zimmerwald, reunindo elementos da corrente socialista minoritária, e dela saiu um novo apelo aos povos denunciando a guerra criminosa em que todos são vencidos.

25 O Congresso Internacional da Paz realizou-se em Ferrol, Galiza, nos dias 30 de Abril, 1 e 2 de Maio de 1915, sob proibição das autoridades. Aquela localidade se dirigiram os delegados portugueses Manuel Joaquim de Sousa, Mário Nogueira, Serafim Cardoso Lucena, Alves Pereira, Ernesto Costa Cardoso e Aurélio Quintanilha. O relatório de Manuel Joaquim de Sousa foi publicado pela União Operária Nacional em 1915.

26 Adolfo Godfroy de Abreu Lima (1874-1943). Professor e pedagogo. Colaborou em: *A Conquista do Pão*, *O Trabalho*, *Humanidade*, *Lúmen*, *A Sementeira*, *Terra Livre*, *A Batalha*, *Germinal*, *Revista de Educação*, etc. Foi Delegado Interino do Procurador da República junto do Tribunal de Execuções Fiscais e substituto na segunda Vara do Tribunal do Comércio de Lisboa. Leccionou Sociologia na Associação dos Artistas Dramáticos (1908) e no Liceu Pedro Nunes (1911-1923). Esteve ligado à «Voz do Operário», Escola oficina n.º 1 e à Universidade Popular Portuguesa. Participou em congressos e redigiu teses para a estrutura sindical. De entre as suas obras destacamos: *O Contrato de Trabalho* (1909), *Pedagogia Sociológica*, 2 vols., 1936, *O Ensino da História* (1914). Traduziu obras de De Greef, Augustin Hamon, Picard e Ibsen, entre outros.

O comentário do autor do texto sobre o não empenhamento de Adolfo Lima no Grupo Germinal e nas posições aliadofílicas perfilhadas parecem-nos abusivas. Um militante de tal envergadura e prestígio não se comprometeria de ânimo leve.

Por outro lado, o anarquismo que defendia era heterodoxo — se é lícito utilizarmos este termo — como ele próprio afirmou numa carta endereçada a Emílio Costa e por nós publicada (António Ventura, *Adolfo Lima*, in *Seara Nova* n.º 1593 de Julho de 1978 pp. 24-29).

27 Afonso Augusto Falcão Cota de Bourbon e Meneses (1890-1948). — Jornalista e escritor, colaborou em *O Mundo*, *a Manhã*, *A Voz do Operário*, *Primeiro de Janeiro*, *Diário de Notícias*. Propagandista republicano, mantém-se à margem dos partidos, acabando por aderir ao Partido Socialista em 1931, sendo excluído dois anos mais tarde. Participou na Conferência Nacional Socialista de Coimbra (1933).

28 Max Nettlau é autor de obras fundamentais para a história do anarquismo, entre as quais duas que interessam particularmente à Península Ibérica e a Portugal: *Miguel Bakunine, a Internacional e a Aliança em Espanha (1868-1873)* e *Documentos sobre a Internacional e a Aliança em Espanha*.

29 Pedro Kropotkine (1842-1921) — Anarquista russo de origem aristocrática, é uma figura tutelar, respeitada pelos libertários de todo o mundo. Teórico do anarquismo-comunista, funda *Le Revolté* (Genebra) *Freedom* (Londres), *La Revolté* (Paris). É autor de numerosos folhetos e livros, dos quais destacamos: *Aos*

*Jovens* (1881), *Palavras de um Revoltado* (1885), *A Moral Anarquista* (1891), *Memórias de um Revolucionário* (1899) — Traduzido para português por Emílio Costa em 1908 —, *A Grande Revolução* (1909). Foi um dos autores mais traduzidos em Portugal.

30 Jean Grave (1854-1939) — Anarquista francês de origem operária, edita *Le Revolté*, em Genebra, e depois *Les Temps Nouveaux*, em Paris, onde Emílio Costa colabora. Campos Lima visitou-o em 1905, deixando-nos um interessante testemunho no seu livro *Os Meus Dez Dias em Paris* (Coimbra, Tip. Democrática, 1906, pp. 48 a 52). Autor de *A Sociedade no Dia Seguinte à Revolução* (1882) publicado em Portugal, com várias edições, com o título *A Sociedade Futura*, e o célebre *A Sociedade Moribunda e a Anarquia* (1893), que lhe valeu a prisão e a apreensão do livro. Este será publicado em Portugal em 1908 numa tradução de Lucinda Tavares (Lisboa, Biblioteca de Estudos Sociais, 1908, 169 p.). O intervencionismo defendido durante a guerra provocará o seu isolamento e a morte do *Les Temps Nouveaux*.

31 Charles Malato (1857-1938) — Autor anarquista, escreveu *A Filosofia do Anarquismo* (1889).

32 Júlio Luís Redondo (1888?-1942) — Operário do Arsenal do Exército, dinamizador da respectiva associação de classe e fundador da Cooperativa dos Operários do Arsenal do Exército. Representou a sua associação em congressos e foi um dos subscritores do manifesto «Berlim ou Moscou?», onde se defendia a adesão à Internacional Sindical Vermelha. Fez parte do grupo dos Partidários da I.S.V. e do P.C.P., sendo expulso em 1931, com os outros elementos da facção Augusto Machado. Dirige *O Arsenalista* de 1921 a 1928 e integrou durante vários anos os corpos directivos de «A Voz do Operário».

33 Júlio Ferreira de Matos (1883?-1943) — Operário Metalúrgico e dirigente do Sindicato Único Metalúrgico, foi delegado do Congresso da Covilhã. Elemento activo do Comité Executivo dos Partidários da Internacional Sindical Vermelha, é o editor do seu órgão de imprensa, *A Internacional*. Subscreeu o manifesto «Berlim ou Moscou?».

34 José de Sousa Coelho (1898-1967) — Torneiro e conferente marítimo, activo militante das Juventudes Socialistas, encabeça uma cisão e adere ao P.C.P., fundando as Juventudes Comunistas, de cuja Junta Nacional faz parte em 1921. Após a reorganização de 1929 converte-se no número dois do partido, a seguir a Bento Gonçalves, dirigindo o sector sindical. Até 1935 integra o Secretariado. Detido com os outros dois elementos — Bento Gonçalves e Júlio Fogaça — é enviado para o Tarrafal onde permanece até 1944. Expulso do P.C. ainda em Cabo Verde, adere, uma vez regressado a Portugal, ao grupo socialista de Ramada Curto.

35 A expulsão de um numeroso grupo de militantes operários do P.C. ocorreu em 1931, justificada pelas suas ligações ao grupo Augusto Machado. Entre eles encontravam-se fundadores do Comité Executivo dos Partidários da I. S. V.: João Pedro dos Santos, José da Silva (autor de *Memórias de um Operário*), Júlio Luís, Sá Viana, e o próprio Augusto Machado.

36 Em nota à margem, manuscrita, Emílio Costa comenta: «não escrevi artigo algum a dizer. O homem não sabe contar e alterou tudo. E é um contributo para a história, como ele diz...».

37 Contrariando a habitual hostilidade dos libertários em relação ao Estado, Federica Montseny aceitou ocupar um cargo governamental juntamente com outros três anarquistas: Juan Peiró, Juan Sanchez Lopez e García Oliver, sobraçando respectivamente as pastas da Saúde, Indústria, Comércio e Justiça.

38 Federico Urales (1864-1942) — Pseudónimo de Juan Montseny, tanoeiro de profissão e depois professor primário. Funda em 1891, com sua mulher Soledad Gustavo, uma escola laica em Réus (Catalunha). Esteve na origem das importantes publicações *Revista Blanca* e *Tierra y Libertad*.

39 Soledad Gustavo — Pseudónimo de Teresa Mañé, professora e escritora, companheira de Federico Urales e sua colaboradora na escola laica e na obra de propaganda.

40 Augusto Dias da Silva (1887-1928) — Ministro socialista nos governos José Relvas e Domingos Pereira (1919). Foi eleito deputado por Lisboa naquele ano. Vereador das Câmaras de Lisboa e Loures. Director do diário *O Combate* (1920).

41 O ciclo de conferências «As Doutrinas Político-Sociais Contemporâneas» foi programado para finais de 1924 (v. entrevista de Alexandre Vieira, *A Batalha*, de 16 de Novembro). No plano inicial do ciclo, Carlos Rates faria a conferência sobre o comunismo [carta de Ferreira de Macedo para Raúl Proença, s.d., Espólio Raúl Proença, E7/1191, B.N.L.]. O afastamento do P.C.P., consumado em 1925, levou à sua substituição por Sobral de Campos. As restantes palestras e autores foram os seguintes: Apresentação e conclusões por José de Magalhães; Democratismo por Brito Camacho; Constitucionalismo por Tomás de Vilhena; Integralismo por Hipólito Raposo; Socialismo por Ramada Curto; Anarquismo por Campos Lima; Sindicalismo por Gonçalves Vidal.

42 Araújo Pereira (1871-1941) — Actor dramático e encenador, foi um dos fundadores do Teatro Moderno, (1905).

43 José Carlos Rates (1880-1961) — Antigo marinheiro e operário conserveiro, participa no movimento associativo de Setúbal e depois nos congressos de 1909, 1911, 1914 e 1919. Ocupa cargos de responsabilidade na Comissão Executiva do Congresso Sindicalista e na U.O.N. Adere em 1919 à Federação Maximalista Portuguesa sendo um dos fundadores do P.C.P., do qual se afasta em 1925. Dirige desde o seu n.º 1 *O Comunista*, órgão do partido. Adere mais tarde ao Estado Novo e ao corporativismo. Obras principais: *A Rússia dos Sovietes* (1925), *A Ditadura do Proletariado* (1920), *Democracias e Ditaduras* (s. d.).

44 Mário Costa — Dirigente das Juventudes Sindicalistas e Redactor Principal do seu órgão de imprensa — *O Despertar*.

45 Henrique Caetano de Sousa (1888-1954) — Jornalista, secretário-geral da Escola de Ensino Livre. Anarco-sindicalista, foi um dos fundadores do P.C.P. e seu Secretário Político em 1922. Participou no IV Congresso da Internacional Comunista (Moscou, 1922) onde conheceu Lênine. Foi expulso do P.C.P. em 1923.

46 José Benedy (1866-1951) — Antigo marinheiro, tipógrafo e fotografo, foi uma figura paradoxal do movimento operário português. Co-fundador de *A Greve*, colabora em *O Século*, *Jornal da Noite*, *Economista*, *Diário de Notícias*.

Representa a nova situação no III Congresso dos Trabalhadores Rurais, celebrado em 1918, o que demonstra a sua adesão, numa primeira fase, à miragem sidonista. Publicou numerosos opúsculos, alguns com poesias. Sallentamos pela sua importância *Influência do Franquismo nas Classes Operárias* (1905) e *Relatório sobre o 3.º Congresso dos Trabalhadores Rurais* (1918).

47 Segundo um documento publicado por João Medina (ob. cit. p. 737), Jaime de Castro teve ligações com o Grupo 27 de Abril e com Machado Santos, responsáveis pela tentativa revolucionária de Tomar, em 1916.

48 Esta tese apresentada por Manuel da Concelção Afonso suscitou grande polémica. Todas as teses foram publicadas pela União Operária Nacional. Se compararmos o texto da brochura com as conclusões transcritas pelo autor do documento, existem assinaláveis omissões. Os pontos, no original, vão de A a O e não apenas de A a F, e mesmo este último está truncado.